

## No entrecruzamento de terminologia e ficção juvenil: reflexões a partir da tradução de *Max Einstein* para o português brasileiro

### At the intersection of terminology and young adult fiction: reflections on the translation of *Max Einstein* into Brazilian Portuguese

**Cynthia Beatrice Costa** • Universidade Federal de Uberlândia, Brasil • [cynthiacos@gmail.com](mailto:cynthiacos@gmail.com)  
**Francine de Assis Silveira** • Universidade Federal de Uberlândia, Brasil • [francinesilveira@ufu.br](mailto:francinesilveira@ufu.br)

#### Resumen

Este artigo apresenta reflexões derivadas da experiência de tradução do livro *Max Einstein – The Genius Experiment* (2018), de James Patterson e Chris Grabenstein, do inglês estadunidense para o português brasileiro, e da posterior discussão estabelecida entre a tradutora, que é especializada na tradução de ficção, e uma especialista formada no campo da Terminologia – ambas autoras do presente texto. O debate foi gerado graças à frequente presença de termos provenientes de diversas áreas do conhecimento ao longo da narrativa, que tem o entretenimento como objetivo principal e é voltada ao público juvenil. Os resultados iniciais desse debate são aqui relatados. Apoiadas, sobretudo, nas considerações de Nord (2005; 2018) com relação ao propósito da tradução e na abordagem de Cabré (1999) da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), propomos questionamentos no que tange à aplicação de estratégias terminológicas na tradução de textos criativos, levantando, ainda, questões relacionadas à formação e à contratação do profissional de tradução.

#### Abstract

This article presents reflections derived from the translation of the book *Max Einstein - The Genius Experiment* (2018), by James Patterson and Chris Grabenstein, from American English into Brazilian Portuguese, and from the subsequent discussion established between the translator, who specializes in fiction, and a colleague specialized in Terminology – both authors of this text. The debate was generated thanks to the frequent presence of terms from different domains throughout the narrative, which is aimed at the entertainment of young adult readers. The initial results of this debate are reported here. Based on Nord's (2005; 2018) considerations regarding the purpose of translation and Cabré's (1999) approach to Communicative Theory of Terminology, we propose questions regarding the application of terminological strategies in the translation of creative texts, also raising questions related to the training and hiring of professional translators.

#### Palabras clave

Tradução de ficção • Literatura juvenil • Terminologia • Termos especializados

#### Keywords

Fiction translation • Young adult fiction • Terminology • Specialized terms

## 1. Introdução

O desafio imposto pela presença de termos na tradução de livros de ficção nem sempre recebe a devida atenção. Alguns estudiosos já apontaram que conjuntos terminológicos não são exclusivos de textos técnicos e/ou científicos, pois constituem a base da construção de temáticas específicas que figuram em diversos materiais, como os literários e os audiovisuais (Barbosa, 2010). Apesar dessa constatação, estudos que analisem, descrevam e problematizem essa questão são ainda escassos.

A terminologia<sup>1</sup> técnico-científica está presente em muitas obras, inclusive em romances canônicos como *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, este com frequência considerado uma «ficção enciclopédica» (*encyclopedic fiction*; Letzler, 2012, p. 304), e *A montanha mágica* (1924), de Thomas Mann, com todo o seu vocabulário médico, além, evidentemente, de toda a literatura de ficção científica. Isso significa que, com mais frequência do que talvez pareça, tradutores de textos criativos veem-se diante da tarefa de traduzir termos especializados.

A discussão aqui apresentada baseia-se na experiência de tradução para o português brasileiro de *Max Einstein – The Genius Experiment*, de James Patterson e Chris Grabenstein, publicado inicialmente pela editora Hachette nos Estados Unidos em 2018. Traduzido por uma das autoras do presente artigo para a editora Universo dos Livros, de São Paulo, como *Max Einstein – O experimento genial*, o livro foi lançado no Brasil no segundo semestre de 2019 e já tem sido adotado como literatura obrigatória em algumas escolas brasileiras.

Comercializado nos Estados Unidos com o slogan «O que Harry Potter fez pela magia, Max Einstein faz pela imaginação das crianças!»<sup>2</sup>, *Max Einstein* conta a história de uma menina órfã de 12 anos – Maxine Einstein – que vive com um grupo de amigos sem-teto em Nova York até ser recrutada, graças à sua impressionante inteligência, para um programa secreto de formação de jovens líderes. Patterson, autor do livro, produziu-o em parceria com os administradores do legado de Albert Einstein, que previram a inserção de «um elementozinho de ciência»<sup>3</sup> no enredo (Patterson, 2018) em meio a uma história divertida e repleta de ação, de forma a cativar jovens leitores. O livro, que é o primeiro de uma série, chegou a ficar por semanas na lista de mais vendidos do jornal *The New York Times*.<sup>4</sup>

Ao longo de suas aventuras, Max desenvolve projetos científicos e faz referências constantes a Einstein, seu grande ídolo, e às suas principais teorias. Assim, embora seja uma ficção voltada ao público juvenil com o propósito de leitura por entretenimento, há trechos bastante técnicos, com termos científicos e explicações detalhadas de experimentos, o que exigiu da tradutora estratégias nem sempre esperadas em uma

---

<sup>1</sup> Nesse artigo, Terminologia, com inicial maiúscula, remete ao campo de estudos; com inicial minúscula, ao conjunto de termos de um domínio especializado.

<sup>2</sup> »What Harry Potter did for magic, Max Einstein does for kids' imaginations!«. Disponível em: <https://www.jamespatterson.com/landing-page/james-patterson-books-max-einstein/>. Último acesso em: 24/04/2020.

<sup>3</sup> Tradução nossa de «a little element of science» (Patterson, 2018).

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/books/best-sellers/2018/11/03/childrens-middle-grade-hardcover/>. Último acesso em 24/04/2020.

tradução de ficção<sup>5</sup>. Houve preocupação em traduzir de maneira correta do ponto de vista terminológico sem dificultar, ao mesmo tempo, a leitura de adolescentes, para os quais o livro é claramente dirigido – levando em consideração, portanto, a noção de propósito comunicativo para um determinado público, sugerida por Nord (2005, p. 6-7 e 244). Para tanto, foram usados os seguintes recursos: dicionários monolíngues e bilíngues; Google Imagens, para confirmar visualmente algumas traduções; e materiais didáticos voltados a alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio.

É importante ressaltar que partimos de uma noção de tradução – de um livro comercial voltado ao público juvenil – como uma operação criativa, mas que, sobretudo, atende a um propósito claro. Este foi expresso pela própria editora ao contratar a tradutora. Baseando-nos nas reflexões de Nord (2005; 2018), enfatizamos a recepção do jovem leitor no contexto brasileiro como principal foco de atenção em uma tarefa como essa. A realização da tradução, assim como as reflexões levantadas *a posteriori* a respeito das escolhas tradutórias, focaram-se na função do texto na cultura e comunidade de chegada.

Este artigo é baseado em uma experiência passada, ou seja, não foi concebido durante o processo tradutório, mas somente após a publicação do livro traduzido. A ideia da presente discussão surgiu de uma conversa entre a autora que traduziu o livro e a autora especializada em terminologia – ao se darem conta da carência de informações mais aprofundadas sobre o emprego de terminologia na tradução de ficção, decidiram, juntas, aprofundar a discussão.

Do ponto de vista terminológico, a discussão apoiou-se em estudos comunicativos, entendendo aqui a terminologia como «conjunto de palavras técnicas [termos] pertencentes a uma ciência, atividade profissional, pessoa ou grupo social» (Pavel & Nolet, 2011, p. 131). A principal referência utilizada foi a TCT (Teoria Comunicativa da Terminologia) tal como abordada por Cabré (1999), que reconhece a existência da variação linguística mesmo em discursos especializados.

Ao lidar com termos em uma obra de ficção, observa-se que a TCT pode atender às necessidades do tradutor (especialmente no caso do de textos criativos) ao considerar que termos são unidades que pertencem à língua natural e que, por isso, sofrem os mesmos processos e funcionam como outras unidades lexicais. De fato, é o falante que controla a comunicação – de forma mais ou menos consciente – adequando-se às necessidades das diferentes situações comunicativas e, mesmo no discurso especializado, seleciona o item que melhor se adequa à sua intenção de dizer. Da mesma forma, como se percebeu na discussão estabelecida posteriormente à tradução, a tradutora havia buscado equivalentes e selecionado o que melhor se adequava do ponto de vista da função do texto – e de acordo com a sua prática e repertório individuais –, entendendo que a equivalência se dá em determinado contexto, com função e intenção particulares, em determinado momento e para determinado público.

---

<sup>5</sup> Faz-se uma distinção, aqui, entre a chamada «tradução literária» e a tradução de ficção comercial, pois se supõe, no caso da primeira, uma operação literária complexa (Paz, 2009) ou de recriação (Campos, 2010), que considere elementos como estilo e multiplicidade de sentidos. Um livro de ficção com vistas à comercialização como o abordado neste artigo não se presta – ao menos a princípio – a múltiplas interpretações, mas não deixa de exigir do tradutor soluções criativas e recriação de uma linguagem atraente para o jovem leitor.

Partimos da hipótese de que o exemplo aqui relatado mostra como nem sempre é possível distinguir claramente a tradução criativa da tradução de textos especializados, já que as duas podem ser requisitadas – não necessariamente em igual medida – no processo tradutório de um só texto. É por essa razão que o termo «tradução especializada» passou a figurar nos discursos contemporâneos, substituindo «tradução técnica» ou «tradução técnico-científica», justamente para extinguir a divisão estanque entre essas e a tradução dita «literária» ou «criativa». Isso é claramente ilustrado no projeto tradutório realizado, já que constatamos que as terminologias não são típicas apenas de discursos especializados.

A seguir, apresentamos a metodologia e, adiante, os resultados – divididos em um exemplo-modelo (item 2), que explora a questão da metodologia da Terminologia na tradução; e outros exemplos ilustrativos (item 2). Depois, trazemos a discussão derivada dessa experiência específica de tradução.

## 2. Metodologia

Em um primeiro momento, rememorou-se o processo de tradução de *Max Einstein*. A tradução foi parcialmente realizada com o apoio do software de tradução Trados – para que resultasse em uma memória de termos que pudesse ser reaproveitada em futuros trabalhos – e parcialmente no Word, no qual foram traduzidos os diálogos e foi feita a revisão final da tradutora. Uma vez pronta, a tradução foi enviada à editora juntamente com um relatório. Este apontava a preocupação da tradutora em manter claras e corretas as explicações científicas contidas no livro.

É preciso salientar que a tradutora não possui formação em terminologia, e que as suas escolhas e estratégias foram baseadas em sua experiência como tradutora de ficção. A discussão com a especialista em Terminologia ocorreu depois do livro publicado.

Uma vez separados os trechos considerados «problemáticos», as autoras deste artigo debateram as soluções adotadas e, principalmente, os caminhos seguidos para adotá-las. Por fim, partindo de pesquisas relevantes e dos *insights* gerados por essa experiência, delinearão, em conjunto, uma breve proposição a respeito da importância dos conhecimentos em Terminologia na tradução de textos de ficção, que será apresentada na seção «Discussão» deste artigo.

### 2.1. Exemplo-modelo: métodos e estratégias

Graças à presença de termos originários da engenharia, da física, da química, da astronomia e até da área jurídica, entre outros campos técnico-científicos, o texto de *Max Einstein* exigiu pesquisa constante em dicionários monolíngues e bilíngues, livros teóricos e livros didáticos. Estas foram as estratégias adotadas pela tradutora, que não tinha conhecimentos mais aprofundados sobre os métodos em Terminologia naquele momento.

Com o exemplo descrito neste item, temos por objetivo mostrar como a tradução de termos jurídicos foi de fato realizada e como poderia ter sido realizada com apoio da Terminologia.

Max, a protagonista da história, é uma pré-adolescente com «superdotação / altas habilidades» (Pereira, 2006, p 110), ou seja, aprende com enorme facilidade conteúdos variados. Conversa com adultos de igual para igual e faz referências a teorias científicas e outros assuntos técnicos, como quando confronta um policial nova-iorquino a respeito da ação de despejo contra os seus amigos sem-teto:

<p>«Oh. So now you're a little lawyer?» «No, officer. I have not completed the necessary course of study, nor have I passed the New York State bar exam. However, I do know that <b>adverse possession</b> is the legal term for occupying someone else's property. When you do so, you obtain what are known as 'squatter's rights.' In the state of New York, a person has to live on the property openly and without <b>permission of the owner</b> for a period of at least ten uninterrupted years to be able to claim <b>adverse possession</b>.» (Patterson e Grabenstein, 2018, p. 17, grifos nossos)</p>	<p>– Ah. Então agora você é advogada mirim? – Não, senhor. Eu não completei os estudos necessários, nem passei pelo exame da Ordem dos Advogados de Nova York. Mas eu sei que <b>usucapião</b> é o termo jurídico para a ocupação da propriedade de terceiros. E, quando faz isso, a pessoa adquire os chamados «<b>direitos de posseiro</b>». No estado de Nova York, uma pessoa tem de viver na propriedade, sem <b>permissão do proprietário</b>, por um período de dez anos ininterruptos para reivindicar o direito de <b>usucapião</b>. (Patterson e Grabenstein, 2019, localização 155<sup>6</sup>, grifos nossos)</p>
---	---

Tabela 1 – Exemplo I

Os termos de partida e traduzidos do excerto são os seguintes:

<i>adverse possession</i>	usucapião
<i>squatter's rights</i>	direitos de posseiros
<i>permission of the owner</i>	permissão do proprietário

Tabela 2 – Exemplo I

Nota-se, na passagem acima, que Max recorre ao vocabulário do discurso jurídico para defender os amigos do policial. Enquanto a tradução de «*New York bar exam*» para «exame da Ordem dos Advogados de Nova York» pode ser considerada como uma domesticação, ou seja, uma adaptação à realidade brasileira, os outros termos geram mais dúvidas por sua especificidade. Para a tradução do trecho, foi necessário à tradutora consultar um glossário de termos jurídicos e estabelecer possíveis critérios, mas sem segurança suficiente para defendê-los como o melhor caminho tradutório.

Tanto é que um dos termos acabou sendo modificado – sem prejuízo nenhum, na opinião da tradutora – na revisão posterior à tradução:<sup>7</sup> a tradutora havia optado por deixar «posse adversa», mas o termo foi modificado para «usucapião», e é assim que se encontra na versão publicada.

<sup>6</sup> Usamos a versão e-book de *Max Einstein – O experimento genial*.

<sup>7</sup> A editora responsável por *Max Einstein – O experimento genial* foi Marcia Batista. A revisão foi realizada por Tássia Carvalho e Giuliana Gregolin.

Ainda que «*adverse possession*» possa ser traduzido como «usucapião» no contexto brasileiro, a primeira opção da tradutora por uma tradução palavra por palavra baseou-se em dois fatores principais: 1) a crença de que o entendimento do leitor seria facilitado e 2) por não haver termo exato correspondente, já que «os contornos [de *adverse possession*] lembram a usucapião da tradução jurídica de base humana» (Godoy, 2004, p. 174). Ou seja, «lembram», mas não são a mesma coisa.

O estudo e o emprego da terminologia também preveem variações nos termos (Araújo, 2016). Assim, no caso de um exemplo como o de «posse adversa» versus «usucapião», é possível que não haja resposta definitivamente correta, mas sim uma variação na estratégia tradutória – ora se estrangeiriza<sup>8</sup> ao compor um termo palavra por palavra («posse adversa»), ora se adota um termo de significado aproximado («usucapião»).

Quando da discussão com a segunda autora, especialista em Terminologia, tivemos a consciência de que alguns passos metodológicos provenientes da área poderiam ter otimizado o tempo de busca e a decisão entre um equivalente ou outro. É fato que, no caso da tradução dessa obra, a função primeira da terminologia especializada – a representação e divulgação do saber científico e tecnológico – é somada à função da obra em si, que é o entretenimento. A preocupação em encontrar equivalentes «perfeitos» poderia ser relativizada por se tratar de uma obra de ficção. Entretanto, quando o objetivo se torna apresentar e ensinar conceitos das áreas especializadas a jovens brasileiros, a pesquisa terminológica necessita de rigor e critérios. Acreditamos, então, que essa base dos pilares teóricos e metodológicos seria fundamental para sustentar as escolhas da tradutora de forma mais rápida e segura.

Em Terminologia, quando tratamos de duas línguas, o conceito de equivalência difere do que é convencionalmente utilizado em tradução. Nesta última, remete a uma situação ou a um elemento equivalente/correspondente no plano do discurso e não no plano do sistema da língua. Já em Terminologia, não se «traduz» termos, mas, sim, busca-se equivalentes: por «equivalência terminológica total» ou «termo equivalente», entendemos, apoiando-nos em Dubuc, termos que «exibem uma identidade completa de sentido e de uso no interior de um mesmo domínio de aplicação [...] e não apresentam disparidade quanto às suas modalidades de utilização (nível de língua, usos geográficos ou profissionais, etc.)» (Dubuc, 1985, p. 55).

Alpízar-Castillo (1997, p. 53) afirma que o «princípio básico que deve guiar o trabalho terminográfico bilíngue ou plurilíngue é que «fazer terminologia não é fazer tradução». Em outras palavras, não se deve traduzir os termos por denominações aparentemente equivalentes, mas sim efetuar a busca pela denominação empregada de fato pelos usuários da outra língua, em uma mesma situação de uso. Isto é, o equivalente deve se igualar ao termo na língua de partida tanto no que concerne ao conceito designado quanto no que tange ao nível pragmático. Nos casos em que o termo da língua A recobre somente parcialmente os traços semânticos do termo da língua B, esses termos já não seriam equivalentes perfeitos, mas, sim, parciais. No confronto entre

---

<sup>8</sup> Pode-se recorrer a Venuti (1995, p. 34) nesse contexto à medida que uma tradução palavra a palavra mostraria que o texto, vindo de fora, não se refere à lei brasileira («usucapião»), mas à lei nova-iorquina («*adverse possession*»), indicando, portanto, que se trata de um texto traduzido, não produzido no Brasil. A presença de um tradutor ficaria mais visível, assim como a origem estrangeira do texto.

línguas, ou, ainda, entre culturas diferentes, é comum encontrar mais equivalentes parciais, pois duas comunidades culturalmente marcadas podem fazer (e geralmente fazem) um recorte diferente da mesma realidade. Essa constatação, porém, não invalida a pesquisa; ao contrário, torna-a mais rica, consciente e fundamentada, dando suporte ao tradutor que precisa tomar decisões eficientes para atender aos seus objetivos, especialmente do ponto de vista da função.

No exemplo exposto acima, observamos que o caminho que a tradutora seguiu, em um primeiro momento, trouxe respostas satisfatórias, muito embora ela não estivesse segura ao utilizá-las. O suporte do conhecimento terminológico forneceria ferramentas para um trabalho se não mais rápido, mais seguro.

Sugere-se, em Terminologia, o seguinte caminho para buscar equivalentes em uma pesquisa terminológica pontual bilíngue (*cf.* Aubert, 1996): uma análise monolíngue do termo original na língua A, com base em definições dicionarizadas, ou obras de referência do domínio, contendo os traços semânticos (ou conceptuais) que descrevem o conceito e que, idealmente, tragam marcas de uso. Depois de compreendido e estudado, busca-se o termo equivalente, que só terá esse estatuto quando no confronto com a língua B observar-se uma coincidência de traços semânticos com a língua A. Os traços coincidentes, ou seja, presentes em um e outro contextos ou definição, são chamados por Dubuc (1985) de *ganchos terminológicos*, e é por meio deles que validamos uma equivalência entre termos.

No exemplo de «*adverse possession*», a segunda autora trouxe como contribuição uma sugestão de percurso terminológico: encontrar as definições do termo original; observar e destacar os principais traços semânticos descritores; buscar pistas em dicionários ou glossários bilíngues para chegar ao termo (ou conceito) na língua inglesa; obter as definições em dicionários ou glossários monolíngues em português para encontrar os ganchos terminológicos; e validar, por fim, a equivalência.

Assim, teríamos em inglês:<sup>9</sup>

*Adverse possession*

a. NOUN – [mass noun]. Law. The occupation of land to which another person has title with the intention of possessing it as one's own.

b. the occupation or possession of land by a person not legally entitled to it. If continued unopposed for a period specified by law, such occupation extinguishes the title of the rightful owner. In English law, title to land may be acquired by adverse possession, the relevant period being 12 years. Where the land is subject to the Land Registration Acts, adverse possession for the requisite period confers on the squatter a possessory title. This may mature into an absolute title after a further ten years.

---

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.lexico.com/definition/adverse\\_possession](https://www.lexico.com/definition/adverse_possession).

Em português, ao buscar «*adverse possession*», chega-se à seguinte equivalência:

Port. Usucapião – ing. usucapto/*adverse possession* – fr. prescription aquisitive/*usucapion* (Boutaud-Sanz, 2019)<sup>10</sup>

*adverse possession* = usucapião (Victorino, 2012)<sup>11</sup>

Poderíamos aqui listar uma infinidade de exemplos, mas já podemos observar que os glossários «trazem pistas», mas não respostas completas e definitivas. Seria preciso avaliar os traços conceituais do termo, e glossários não trazem definições. Assim, em um dicionário monolíngue, ao pesquisarmos os termos dados pelos materiais bilíngues, temos:

Usucapião: forma de aquisição originária do bem aplicável a qualquer bem que esteja na posse de pessoa diversa de seu dono, com ânimo de proprietário, de forma mansa e pacífica e depois de transcorrido considerável lapso temporal [...] (Guilherme, 2016)<sup>12</sup>.

Ou seja, em uma investigação desse tipo, é possível observar que os termos possuem definições semelhantes, mas com alguns traços semânticos diferentes. Há ganchos terminológicos que comprovam que usucapião e *adverse possession* podem ser utilizados como equivalentes – o que confirma a opção posterior das revisoras do livro. Quanto ao nível pragmático, a tradutora deixou claro que sua opção foi direcionada pela função e pelo objetivo traçado pela editora.

Outro exemplo, o de «direitos de posseiros» traduzido como «*squatter's rights*», é mais comum e consta em dicionários não técnicos e no Google Tradutor. Uma animação curta-metragem da Disney de 1946, cujo título em inglês é *Squatter's Rights*, foi, inclusive, traduzida como *Direitos de posseiros* no Brasil.

A tradução «permissão do proprietário», por sua vez, remete a uma questão básica da interface tradução/terminologia: o reconhecimento do que é um termo. Esse é um aspecto desafiador da tarefa do tradutor, sobretudo quando este não pressupõe o texto à sua frente como técnico-científico. Nesse caso, o contexto da fala da personagem indicou à tradutora a necessidade de confirmar, em uma rápida busca em textos brasileiros que tratam de usucapião, se a tradução do sentido poderia ser literal, de «algo mais próximo do dicionário», como sugerido por Paz (2009, p. 15). De modo geral, poderíamos afirmar que a necessidade de consulta para a tradução de uma expressão simples como «*permission of the owner*» depende quase que unicamente do contexto em que está inserida – em um parágrafo em que não houvesse outros termos técnicos, seu status de «termo» poderia passar despercebido.

<sup>10</sup> Verbete «usucapião». In: Boutaud-Sanz, Philippe. *Glossário jurídico: português – inglês – francês*. Maringá: VISEU, 2019. Ebook. localização 62.

<sup>11</sup> Verbete «*adverse possession*». In: Victorino, Luanda Garibotti. *Glossário jurídico: inglês/português – português/inglês*. São Paulo: Disal, 2012. Ebook. localização 2728.

<sup>12</sup> Verbete «usucapião». In: Guilherme, Luiz Fernando do Vale de Almeida. *Manual de direito civil: tabela com resumo e questões de concursos e da Ordem*. Barueri: Manole, 2016. Ebook. localização 8137.

### 3. Tradução de termos<sup>13</sup>

Em *Max Einstein*, há ocorrência de termos técnicos em, praticamente, todos os 71 capítulos. Na maioria das vezes, porém, por serem de uso habitual em contextos não técnicos, explicações de seu significado e sugestões de traduções podem ser encontradas em dicionários comuns. O contexto também facilita, pois a presença de mais de um termo na mesma passagem indica claramente a que domínio do conhecimento se está fazendo referência.

Geração de energia, por exemplo, é um tema central no livro, pois Max e seus colegas têm a missão de gerar eletricidade no fictício vilarejo de Kasombumba, na República Democrática do Congo. Assim, termos como «energia solar» («*solar power*»), «turbinas eólicas» («*wind turbine*») e «painéis solares» («*solar panels*») povoam a narrativa, sobretudo nos capítulos finais. Inclusive nas falas das personagens, que debatem projetos com desenvoltura:

<p>«No,» said Max, as a thought experiment unwound in her imagination. «What if we were <b>to line the individual turbine blades with solar panels? The turbines could become dual power sources!</b> Wind and sun.» (Patterson e Grabenstein, 2018, p. 266, grifos nossos)</p>	<p>– Não – disse Max, enquanto imaginava um experimento mental. – <b>E se colocássemos painéis solares nas pás das turbinas? As turbinas poderiam se tornar fontes duplas de energia!</b> Vento e sol. (Patterson e Grabenstein, 2019, localização 2209<sup>14</sup>, grifos nossos)</p>
---	--

Tabela 2 – Exemplo II

Uma fala como essa exige a combinação de estratégias da tradução criativa e da tradução técnica, pois Max, uma menina de apenas 12 anos, deve falar com empolgação e naturalidade sobre um projeto bastante complexo que quer colocar em prática.

Outro campo do conhecimento abordado no livro é a astrofísica, como no trecho:

<p>Toma is a budding astrophysicist, obsessed with the nature of <b>celestial bodies</b> and how this study might lead to an understanding of <b>black holes, dark matter, and wormholes.</b> (Patterson e Grabenstein, 2018, p. 107-108, grifos nossos)</p>	<p>Toma é um astrofísico em potencial, obcecado com o estudo da natureza dos <b>corpos celestes</b> e com o seu estudo, que pode levar à compreensão da <b>matéria escura</b>, de <b>buracos negros</b> e <b>buracos de minhoca.</b> (Patterson e Grabenstein, 2019, localização 917, grifos nossos)</p>
--	--

Tabela 3 – Exemplo III

<sup>13</sup> Apesar de cientes da problemática, não entraremos profundamente na discussão sobre «tradução» ou «busca de equivalentes» de termos, por não ser o foco desta pesquisa.

<sup>14</sup> Usamos a versão e-book de *Max Einstein – O experimento genial*.

Os termos, encontrados em dicionários comuns e cada qual com sua página na Wikipédia, foram traduzidos da seguinte forma:

<i>celestial bodies</i>	corpos celestes
<i>black holes</i>	matéria escura
<i>dark matter</i>	buracos negros
<i>wormholes</i>	buracos de minhoca

**Tabela 4** – Exemplo III

É relevante comentar o uso da Wikipédia nesse tipo de caso. Muitas vezes considerada pouco confiável para pesquisas acadêmicas, essa, que é a maior enciclopédia colaborativa multilíngue on-line, pode ser, no entanto, bastante útil para tradutores – embora, evidentemente, não deva ser usada indiscriminadamente, nem como fonte única. Em seu estudo sobre a Wikipédia, Kern explora de maneira aprofundada o seu funcionamento, concluindo, por exemplo, que «[a Wikipédia] não deveria ser vista como desprovida de autoridade, uma vez que as edições de verbetes estão sujeitas ao escrutínio de outros editores» e que, em sua experiência como «autor wikipedista», notou que a «a avaliação de novos conteúdos na Wikipédia tem características semelhantes à da revisão por pares acadêmicos» (Kern, 2018).

Pesquisas na internet, sobretudo utilizando-se a busca no Google, foram imprescindíveis no processo de tradução de outras passagens de *Max Einstein* que aparentam um nível de tecnicidade maior, como a seguinte:

They reminded her of <b>three-dimensional binary superlattices of magnetic nanocrystals and semiconductor quantum dots</b> , a subject she wished she could learn more about. (Patterson e Grabenstein, 2018, p. 99; grifos nossos)	Eles lembravam <b>super-redes binárias tridimensionais de nano-cristais magnéticos e pontos quânticos semicondutores</b> , um assunto sobre o qual ela gostaria de aprender mais. (Patterson e Grabenstein, 2019, localização 1014; grifos nossos)
--	---

**Tabela 5** – Exemplo IV

Os termos de partida e traduzidos são os seguintes:

<i>three-dimensional binary superlattices</i>	super-redes binárias tridimensionais
<i>magnetic nanocrystals</i>	nano-cristais magnéticos
<i>semiconductor quantum dots</i>	pontos quânticos semicondutores

**Tabela 6** – Exemplo IV

Excertos como este acima geraram preocupação na tradutora que, não acostumada à tradução de textos técnicos da área das ciências, teve de encontrar estratégias instintivas para confirmar a terminologia mais correta possível.

A formulação «super-redes binárias tridimensionais» impôs dificuldade. «Super-redes binárias» é uma expressão usada com relativa frequência em língua portuguesa no

campo das telecomunicações, mas, adicionando-se «tridimensionais», foram encontradas apenas duas ocorrências na busca do Google à época da tradução – nenhuma delas em textos ou livros técnicos/acadêmicos. Em inglês, por outro lado, emprega-se «three-dimensional binary superlattices» com relativa frequência. Optou-se, assim, pela tradução palavra a palavra,<sup>15</sup> supondo-se que a infrequência das três palavras juntas entre os resultados da ferramenta de busca tenha relação com um menor desenvolvimento dessa área de pesquisa em países de língua portuguesa. Já a formulação «pontos quânticos semicondutores», tópico de estudo recorrente na área da física, foi encontrada em diversos artigos científicos redigidos originalmente em português brasileiro.

Em diversos momentos, o texto de *Max Eintein* traz explicações básicas de física inseridas convenientemente na narrativa, como quando a protagonista viaja de trem e percebe o movimento de seu corpo (texto de partida e tradução):

When it did, she fell slightly backward because of, well, physics. Sir Isaac Newton, the granddaddy of <b>modern physics</b> , developed <b>laws of motion</b> , including the one that says <b>a body at rest tends to stay at rest</b> —even when a train accelerated forward. (Patterson e Grabenstein, 2018, p. 22; grifos nossos)	Ao fazer isso, ela caiu ligeiramente para trás graças à... Bem, à física. Sir Isaac Newton, o vovô da <b>física moderna</b> , desenvolveu <b>leis do movimento</b> , incluindo a que diz que <b>um corpo em repouso tende a ficar em repouso</b> – mesmo quando um trem acelera para frente. (Patterson e Grabenstein, 2019, localização 206; grifos nossos)
--	--

Tabela 7 – Exemplo V

Os termos de partida e traduzidos são os seguintes:

<i>modern physics</i>	física moderna
<i>laws of motion</i>	leis do movimento
<i>a body at rest tends to stay at rest</i>	um corpo em repouso tende a ficar em repouso

Tabela 8 – Exemplo V

Sendo usada, aqui, uma formulação do princípio da inércia – «um corpo em repouso tende a ficar em repouso» – comumente empregada no Brasil, mas com uma pequena modificação: em vez de «tende a continuar/permanecer em repouso», optou-se por manter o verbo simples «ficar», correspondente em sentido e facilidade de entendimento ao «*stay*» do inglês.

<sup>15</sup> Na falta de uma tradução já convencionada, o tradutor tem de recorrer a soluções próprias. Como escreve Paz, a tradução «palavra a palavra» pode ser considerada, em alguns casos, «um dispositivo, geralmente composto por uma fileira de palavras, para nos ajudar a ler o texto em sua língua original» (Paz, 2009, p. 15). Nesse caso, portanto, pode-se argumentar que o objetivo é fazer entender o texto de partida – trata-se de uma espécie de «não-tradução».

No que diz respeito às várias citações e teorias de Einstein referenciadas pela protagonista Max e por seus colegas de turma no decorrer da narrativa, é interessante observar que boa parte já está inserida no vocabulário do jovem leitor, mesmo que ele não saiba explicar os conceitos. É o caso de «Teoria da Relatividade», bastante mencionada na cultura popular. Não deixa de ser um termo, mas é um termo bastante difundido. No seguinte trecho, por exemplo:

<p>The app could help them find the nearest Starbucks with GPS, which worked because of Einstein's <b>theory of relativity</b> and something he called <b>time dilation</b>. Smartphones were smart because Einstein was smarter. (Patterson e Grabenstein, 2018, p. 26; grifos nossos)</p>	<p>O aplicativo pode ajudá-los a encontrar a cafeteria mais próxima com ajuda do GPS, que funciona graças à <b>Teoria da Relatividade</b> de Einstein e a algo que ele chamou de <b>dilatação do tempo</b>. <i>Smartphones</i> eram inteligentes porque Einstein era mais inteligente ainda. (Patterson e Grabenstein, 2019, localizações 228 e 229; grifos nossos)</p>
---	---

Tabela 9 – Exemplo VI

«Teoria da Relatividade» não gera dúvidas na tradução e, nesse caso, o outro termo (a tradução de *dilation* para *dilatação*) também é facilmente localizada em dicionários e possui uma página na Wikipédia – não faz parte, porém, do imaginário coletivo tão fortemente quanto «Teoria da Relatividade». Similarmente, o «efeito fotoelétrico» é citado mais de uma vez no livro e precisou ter a tradução mais usada em português brasileiro confirmada pela tradutora, ainda que em uma rápida busca na internet e em dicionários:

<p>And it all started with Albert Einstein's 1905 <b>theory of the photoelectric effect</b>. (It was the theory that won him the Nobel Prize; not the more famous theory of relativity.) (Patterson e Grabenstein, 2018, p. 195; grifos nossos)</p>	<p>E tudo havia começado com a <b>teoria do efeito fotoelétrico</b>, de 1905, de Albert Einstein. (Foi com essa teoria que ele ganhou o Prêmio Nobel, não com a sua teoria mais famosa, a Teoria da Relatividade.) (Patterson e Grabenstein, 2019, localização 1624; grifos nossos)</p>
---	---

Tabela 10 – Exemplo VII

A estratégia usada nas tantas ocorrências de termos técnico-científicos, à semelhança das descritas acima, foi a de consultar apostilas e livros didáticos dirigidos à faixa etária de leitores do livro, ou seja, alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio (12 a 18 anos), e adotar, à medida do possível, a mesma terminologia. Justifica-se esse método por dois motivos principais: 1) reproduzir o vocabulário com o qual jovens já são familiarizados na escola; 2) evitar erros terminológicos que poderiam incorrer a partir do uso apenas de dicionários para traduzir palavras avulsas, não conceitos completos.

Além do acervo digital do Ministério da Educação, sobretudo a «Coleção Explorando o Ensino», foram úteis como fontes os *sites* do Instituto de Física da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (<http://www.if.ufrgs.br/>) e do Departamento de Física da Universidade Federal de Santa Catarina (<https://fsc.ufsc.br/>), que possuem conteúdo de física acessível para jovens que estão em fase de preparação para o ingresso no Ensino Superior. Foram consultados, ainda, o livro *Física: Newton para o Ensino Médio*, de Márcia Barreto (2002), e o *Dicionário Oxford de Ciências da Natureza*. A versão on-line – monolíngue e bilíngue – do dicionário Cambridge foi utilizada ao longo de toda a tradução, assim como as versões em papel de dicionários Cambridge e Oxford (monolíngues). Eventualmente, foram «testadas» possíveis traduções no Google Tradutor.

No fim do livro, após o término da narrativa, há algumas seções extras, estas sim de caráter puramente técnico-didático. Há uma receita de *slime* e o «Caderno de anotações de Max» («*Max's Notebook*»), de três páginas, com a explicação das três leis do movimento de Newton e de três conceitos de Einstein: Relatividade Restrita, Relatividade Geral e Efeito Fotoelétrico. O conteúdo é creditado à consultoria educacional Room 228, liderada pela professora Michelle Assaad (Patterson e Grabenstein, 2018, p. 334). Para a tradução dessas seções, estratégias terminológicas foram empregadas com mais facilidade, justamente porque é clara a demanda pelo *modus operandi* da tradução técnica, exceto que, nesse caso, voltada ao público juvenil.

#### 4. Discussão

Toda a experiência de tradução de um livro como *Max Einstein – O experimento genial* aponta para estratégias híbridas de tradução, isto é, que mesclam criatividade e tecnicidade. O texto deve manter-se divertido e atraente para jovens leitores, sendo esse o objetivo primeiro, ao mesmo tempo em que emprega com rigor os termos das diversas áreas de especialidade contidas na narrativa. Sobretudo porque se trata de um livro com potencial paradidático, isto é, adotado por professores como apoio no processo de ensino-aprendizagem interdisciplinar.<sup>16</sup>

Ao colocar em xeque a responsabilização total do tradutor técnico com relação a possíveis erros em sua tradução, Azenha (1996) lembra uma questão primordial que diferencia a tradução de textos literários e de textos técnicos: enquanto os primeiros têm valor humano e «base cultural mais evidente» (Azenha, 1996, p. 138), os segundos, com frequência considerados «inferiores» quando comparados aos primeiros, são, por outro lado, mais passíveis de erros visíveis – e um suposto erro do tradutor pode ser desastroso. Uma troca aparentemente inofensiva de termos em um manual de construção, por exemplo, pode derrubar uma ponte. Nessa mesma linha, pode-se imaginar que termos incorretos em um livro como *Max Einstein* pode acabar por incutir conceitos equivocados em jovens em formação. Uma teoria de Einstein mal explicada pode ter efeitos, ainda que não catastróficos, certamente não desejáveis.

No contexto de uma tarefa de tradução de texto ficcional, esse sentimento de responsabilidade com relação a termos técnico-científicos pode gerar ainda mais insegurança; ao ter de lidar com termos específicos, e, para traduzi-los, recorrer a

---

<sup>16</sup> Segundo a Universo dos Livros, editora responsável pela publicação, *Max Einstein – O experimento genial* já é adotado por diversas escolas.

conceitos de Terminologia, tradutores literários têm de alterar as estratégias com as quais estão mais acostumados. Uma primeira preocupação pode ser o próprio reconhecimento do que é ou não é um termo. Na tradução de textos técnico-científicos, tradutores não só já possuem a expectativa de lidar com um léxico específico, como também sabem, de antemão, qual é essa especificidade – se se trata de um texto da área de medicina ou de engenharia, por exemplo. No caso do tradutor literário diante de um texto de ficção, esse reconhecimento é mais desafiador, justamente porque falta especificidade. O exemplo ilustrativo tratado neste artigo, de *Max Einstein*, aponta para isso: o texto aborda, ainda que de maneira superficial, diversas áreas científicas, da astrofísica às telecomunicações, e ainda possui vocabulário jurídico. Esse é o ponto crucial em que podemos observar que o conhecimento em Terminologia é necessário para a formação de tradutores.

Procuramos exemplificar, com base em uma tradução publicada, como uma separação entre textos literários e técnicos pode ser prejudicial em variados âmbitos. Levantamos, com base nisso, algumas questões:

I) Do ponto de vista da formação do profissional – o tradutor que aprenda/desenvolva teorias e estratégias que atendam a somente um desses tipos de texto (criativo-literário ou técnico-científico), ou que acredite em uma divisão estanque entre tradução especializada e não-especializada, terá pouca flexibilidade diante de textos híbridos como o exemplificado aqui.

II) Do ponto de vista da contratação do profissional – por parte das editoras e empresas, muitas vezes parece haver uma divisão clara: tradutores técnicos precisam ser contratados para traduzir manuais, materiais informativos e documentos, enquanto os literários especializam-se em prosa ficcional, poesia, histórias em quadrinhos e outros textos criativos. Essa divisão, porém, pode ser debatida. Assim como um material informativo pode se beneficiar de estratégias criativas e estilísticas de um tradutor literário, o conhecimento terminológico também pode favorecer a tradução de um texto literário. A depender do texto a ser traduzido, traduções coletivas, com a participação de tradutores especializados em diferentes áreas, podem ser uma possível solução.

III) Do ponto de vista das estratégias adotadas durante a tradução – para atender a um texto híbrido, estas têm de ser igualmente híbridas. Onde for necessário recriar estilo, procura-se recriar estilo; onde houver termo de língua de especialidade, recorre-se a pesquisas eficientes que possam garantir uma tradução adequada, ou seja, um equivalente, apoiada em critérios metodológicos da Terminologia, para que as escolhas sejam corretas ou, ao menos, justificáveis.

Vale lembrar que a teoria na qual embasamos nosso olhar sobre os termos presentes nessa tradução, a saber, a TCT, considera que «as unidades terminológicas formam parte da linguagem natural e da gramática das línguas» e que «*a priori* não há termos, nem palavras, mas somente unidades lexicais, tendo em vista que estas adquirem estatuto terminológico no âmbito das comunicações especializadas.» (Krieger & Finatto, 2004, p. 35). Daí a dificuldade de tradutores em reconhecer alguns itens como termos.

A discussão sugerida pelos itens acima conduz a questões ainda mais complexas, como a própria natureza dos textos que são traduzidos. Há textos puramente literários ou inteiramente técnicos? É possível que a resposta seja não. Certamente há uma

prevalência de um ou outro viés, mas a tarefa do tradutor dificilmente será completamente criativa ou completamente terminológica. A tradução de *Max Einstein* demonstra a hibridez da tarefa ao exigir um texto na língua de chegada que entretenha o público jovem (Nord, 2005) e, ao mesmo tempo, o informe e eduque.

## 5. Considerações finais

O presente artigo ilustrou os desafios enfrentados pela tradutora de um texto de ficção voltado ao público juvenil que contém termos de diversas áreas do conhecimento. Foram dados exemplos desses desafios e, após, foi proposta uma discussão baseada nessa experiência de tradução com o apoio de uma especialista do campo da Terminologia.

Por se tratar de uma discussão complexa, não pretendemos chegar a conclusões definitivas. Apontamos, porém, para o fato de que estratégias terminológicas podem desempenhar um papel importante no processo tradutório de textos de não-técnicos, como no caso apresentado. Isso indica a relevância de futuras pesquisas que foquem no ensino da terminologia como integrante da formação também do tradutor de textos criativos e literários, um aspecto nem sempre levado em consideração.

---

### Referências bibliográficas

- Alpizar-Castillo, R. (1997). *¿Cómo hacer un diccionario científico-técnico?* Buenos Aires: Memphis.
- Araújo, M. de (2016). A sinonímia entre termos referentes à crise econômica mundial: algumas considerações. *Filologia E Linguística Portuguesa*, 18(1), 99-114.
- Aubert, F. H. (1996). *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue*. São Paulo: Humanitas Publicações-FFLCH/USP (Cadernos de terminologia, 2).
- Azenha, J. (1996). Tradução técnica, condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor. *Cadernos de Tradução*, 1(1), 137-149.
- Barbosa, M. A. (2010). Estudos em etno-terminologia: as unidades lexicais na literatura de cordel. En Isquierdo, A. N. & Finatto, M. J. B. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* (pp. 539- 555). Campo Grande: Ed. UFMS / Porto Alegre: UFRGS.
- Barreto, M. (2002) *Física: Newton para o ensino médio – uma leitura interdisciplinar*. Campinas: Papirus.
- Cabré, M.T. (1999). *La Terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IULA.
- Cambridge (2013). *Cambridge Advanced Learner's Dictionary*. 4ª ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- Campos, H. de (2010). *Metalinguagem & outras metas*, 4ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Dubuc, R. (1985). *Manuel pratique de terminologie*, 2ª ed. Québec: Linguattech.
- Godoy, A. S. de M. (2004). *Direito nos Estados Unidos*. Barueri: Manole.
- Kern, V. M. (2018). A Wikipédia como fonte de informação de referência: avaliação e perspectivas. *Perspectivas em ciência da informação*, 23(1).
- Krieger, M. da G. & Finatto, M. J. B. (2004). *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto.
- Letzler, D. (2012). Encyclopedic novels and the craft of fiction: infinite jest's endnotes. *Studies in the novel*, 44(3), 304-324.
- Nord, C. (2005). *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*, 2ª ed. Amsterdam/New York: Rodopi.
- Nord, C. (2018). *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist approaches explained*. New York: Routledge.
- Oxford (2010). *New Oxford American Dictionary*. 3ª ed. Nova York: Oxford University Press.
- Oxford Brasil (2012). *Dicionário Oxford de Ciências da Natureza*. 1ª ed. São Paulo: Oxford University Press.
- Patterson, J. & Grabenstein, C. (2018). *Max Einstein – The Genius Experiment*. New York: Hachette.
- Patterson, J. & Grabenstein, C. (2018). This Book Will Make Einstein Relevant to Kids Today. *Wired*. Recuperado de <https://www.wired.com/2018/12/geeks-guide-james-patterson/> (22/12/2018).
- Patterson, J. & Grabenstein, C. (2019). *Max Einstein – O experiment genial*. Trad. Cynthia Costa. São Paulo: Universo dos Livros. Ebook.
- Pavão, A. C. (coord.) (2010). *Ciências : ensino fundamental*, vol. 18. Coleção Explorando o Ensino. Brasília: Ministério da Educação. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2011-pdf/7835-2011-ciencias-capa-pdf/file>.
- Pavel S. & Nolet, D. (2002) *Manual de terminologia*. Recuperado de <https://linguisticadocumentaria.files.wordpress.com/2011/03/pavel-terminologia.pdf>.

- Paz, Octavio. (2009) *Tradução: literatura e literalidade*. Trad. Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG.
- Pereira, V. L. P. (2006). A pesquisa como instrumento multidisciplinar no atendimento ao superdotado. In SEESP/MEC (2006). *Saberes e práticas de inclusão – Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades / superdotação*. Brasília: Ministério da Educação. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashabilidades.pdf>.
- Venuti, L. (1995) *The Translator's Invisibility: a history of translation*. London: Routledge.